

em síntese

Exposição com obras da fotografia moderna no Brasil inaugurada na Gulbenkian antes de vir para Paris

Uma exposição com obras de Marcel Gautherot, José Medeiros, Thomaz Farkas e Hans Gunter Flieg mostra atualmente em Lisboa, cerca de uma centena de imagens decisivas para a formação da fotografia moderna no Brasil, e depois vai ser mostrada na Delegação da Gulbenkian em Paris.

“Modernidades: Fotografia Brasileira (1940-1964)” é o título desta exposição, que foi inaugurada na sexta-feira e estará patente até 19 de abril, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, com curadoria de Samuel Titan Jr., Ludger Derenthal e António Pinto Ribeiro, numa iniciativa do programa Próximo Futuro.

Esta exposição da obra dos quatro fotógrafos - cujos acervos são conservados pelo Instituto Moreira Salles, do Brasil - foi criada para apresentar em Berlim, em 2013, onde recebeu 56 mil visitantes, e a Gulbenkian acolhe agora uma versão com metade das fotografias.

Na Galeria de Exposições Temporárias da sede da Gulbenkian, 112 fotografias a preto e branco, captadas por Marcel Gautherot, José Medeiros, Thomaz Farkas e Hans Gunter Flieg revelam a visão dos quatro fotógrafos, três deles imigrantes europeus, provenientes de França, da Hungria e da Alemanha.

No início da década de 1940, com a II Guerra Mundial, o Brasil surgia como opção para milhares de imigrantes e refugiados e, ao mesmo tempo, vivia um processo de modernização que agitou todos os setores da sociedade.

A profunda transformação do país foi captada em vários estilos pelos quatro fotógrafos cujo trabalho atravessa a cultura popular - desde o futebol aos rituais das religiões africanas - a vida social urbana, a construção da cidade de Brasília e a intensificação da atividade industrial.

Depois de Lisboa, a mostra virá para Paris, para ser apresentada, entre 6 de maio e 26 de julho, na delegação em França da Fundação Calouste Gulbenkian, e deverá ainda ser mostrada em Madrid.



O LusoJornal, de mãos dadas com a cultura

➔ Exposição chama-se “A cor como linguagem”

Pintora Neusa Sobrinho Amtsfeld expõe no Consulado de Portugal em Paris

Por Carina Branco, Lusa

Neusa Sobrinho Amtsfeld é a próxima artista plástica portuguesa a expor no espaço Nuno Júdice no Consulado Geral de Portugal em Paris, de 27 de fevereiro a 17 de março.

Neusa Sobrinho Amtsfeld nasceu em 1954 na localidade de Noura, no concelho de Murça, distrito de Vila Real, e deixou Portugal em 1974, tendo passado pelo Brasil, Itália e França antes de se radicar na Alemanha, em 1979.

A terra onde nasceu continua a ser o tema principal da sua obra - na qual dominam os tons quentes - até porque “as pessoas conseguem ser mais portuguesas quando moram fora do país”, disse a pintora à Lusa. “Pinto as janelas do sul, Portugal fica no sul, as minhas janelas são azuis, onde o sol queima. Também pinto muitos anjos dessa minha aldeia porque as pessoas



contavam que os anjos me acompanhavam”, descreveu.

A artista já levou as suas telas a várias cidades na Áustria, Alemanha, França, Portugal, Itália, Macedónia e Estados Unidos. Agora, vai trazer cerca de 20 quadros para o Consulado Geral de Portugal na capital francesa, sendo “um privilégio expor em Paris” onde “há muitos Portugueses” e “onde não é assim tão fácil expor”.

Professora de português e francês e tradutora, Neusa Sobrinho Amtsfeld vê-se como uma pintora “autodidata”, ainda que seja licenciada em Educação de Artes e Ciências Linguísticas pela Universidade de Johannes Gutenberg-Mainz, na Alemanha, e que tenha passado pela Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro.

A exposição “A cor como linguagem” é inaugurada esta sexta-feira, dia 27 de fevereiro, no Consulado Geral de Portugal em Paris, às 18h30.

Museu Nacional de Arte Antiga expõe Porcelanas da Embaixada de França em Lisboa

Numa parceria inédita com a Embaixada de França em Portugal, o Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA) apresenta uma ilustrativa exposição com 58 pratos da Sala das Porcelanas do Palácio de Santos.

Encastrados no século XVII, os pratos foram retirados apenas três vezes do invulgar teto desta sala (onde decorrem, atualmente, trabalhos de conservação e restauro). É, no entanto, a primeira vez que saem do Palácio de Santos nos últimos 330 anos. A exposição oferece, por isso, uma ocasião única para ver de perto este conjunto de peças absolutamente singular.

Residência real desde o final do século XV (por lá terão passado D. Manuel I, D. João III e D. Sebastião), o Palácio de Santos, adquirido em 1629 pela família Lencastre, sofre importantes obras estruturais entre 1667 e 1687. É realizada nessa altura a insólita Sala das Porcelanas, com teto piramidal de

talha dourada, onde são incrustados mais de 250 pratos de porcelana da China, na quase totalidade com decoração azul e branca.

Em 1870, o Estado Francês arrenda o edifício, acabando por adquiri-lo em 1909.

A coleção reunida pelos Lencastres ilustra a história da própria produção cerâmica na China, entre os inícios do século XVI e o século XVIII, e o seu comércio com a Europa. O núcleo escolhido para ser exposto no Museu Nacional de Arte Antiga é composto, sobretudo, por peças dos séculos XVI e XVII, que marcam datas precisas da Expansão e das relações de Portugal com a China. Por exemplo, os pratos do período Zhengde da Dinastia Ming (1506-1521) são contemporâneos das grandes armadas enviadas para a Índia e da chegada dos portugueses à China (1513), das expedições de Jorge Álvares e de Rafael Perestrelo e

dos primeiros contactos comerciais com a China. As porcelanas do período Longqing da Dinastia Ming (1567-1572), por seu lado, pertencem à época do florescimento de Macau como entreposto comercial.

“A exposição vai mostrar peças do tempo em que Lisboa era o principal fornecedor para a Europa, África e Américas. De facto, o comércio feito pelos Portugueses fez desta louça a primeira produção cerâmica com distribuição global”, explica Rui Trindade, Comissário da exposição e Conservador da coleção de Cerâmica do MNAA. “A porcelana Ming que decorou outros palácios de Lisboa, entretanto desaparecidos, serviu de modelo aos oleiros da cidade para a produção de faiança azul e branca. As porcelanas do Palácio de Santos, junto ao principal centro de fabrico de faiança lisboeta do século XVI, influenciaram certamente as olarias vizinhas”, conclui Rui Trin-

dade.

A tarefa de tirar os pratos do teto da Sala das Porcelanas demorou 8 dias. Envolvidos neste trabalho minucioso estiveram peritos portugueses e franceses, nomeadamente do Museu Nacional de Arte Antiga, Museu Guimet (Musée National des Arts Asiatiques) e Embaixada de França. O Ministério dos Negócios Estrangeiros francês financiou a limpeza e o restauro das peças, que decorreram, ainda numa primeira fase, no Palácio de Santos. Os pratos escolhidos para a exposição foram intervencionados no Museu Nacional de Arte Antiga.

“Azul sobre Ouro. A Sala das Porcelanas do Palácio de Santos” é também uma oportunidade para estudar de perto os pratos da Sala das Porcelanas do Palácio de Santos, 35 anos depois de a reconhecida historiadora Daisy Lion-Goldschmidt (1903-1998) o ter feito.

Museu do Caramulo inaugura exposição do francês Renaud Marion

O Museu do Caramulo inaugurou no sábado passado a exposição “Air Drive”, do fotógrafo francês Renaud Marion, que mostra a sua visão futurista do transporte em automóveis sem rodas suspensos sobre o solo.

Esta inauguração, que contou com a presença de Renaud Marion, de 39 anos, marca uma nova era do ciclo de exposições temporárias do Museu do Caramulo, que pela primeira vez convidou um artista estrangeiro para expor individualmente. “Este é um passo que há muito queríamos dar e que mostra que o museu está, de

facto, empenhado em descobrir, acompanhar e dar a conhecer artistas, tendências e projetos de todo o mundo”, justificou o Diretor do Museu do Caramulo, Tiago Patrício Gouveia. Na sua opinião, “só apostando numa programação diferente e surpreendente” é que o museu, situado no concelho de Tondela, distrito de Viseu, poderá manter-se relevante junto dos seus públicos.

O Museu do Caramulo refere, numa nota de imprensa, que Renaud Marion foi influenciado por recordações de infância e inspirado por filmes de

ficção científica e por artistas. A sua visão futurista tem “um toque diferente: enquanto a levitação dos veículos está quase sempre associada à ficção científica, aqui os automóveis são na verdade clássicos modificados, incluindo Chevrolet, Mercedes-Benz, Jaguar, Aston Martin e Porsche”.

“As imagens que emergem são uma combinação remanescente do estilo retro com uma imaginação futurista. Modelos icónicos dos dias gloriosos da produção automóvel são transformados em transportes aéreos, catapultando o seu ‘design vintage’ para uma

era visionária”, avança o Museu.

O fotógrafo contou que, “enquanto criança, imaginava o novo milénio com automóveis voadores, naves espaciais, mundos paralelos, seres extraterrestres a viverem na Terra e viagens no tempo”.

“Todos nós andaríamos vestidos com fatos espaciais e equipados com pistolas a laser. Estes são os sonhos de uma criança normal, penso eu... espero eu”, acrescentou.

A exposição “Air Drive” ficará patente no Museu do Caramulo até 31 de maio.